

^{1,2}PAULA CABO; ¹ALDA MATOS; ^{1,3}ANTÓNIO FERNANDES; ^{1,3}MARIA ISABEL RIBEIRO

¹ Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Bragança; ² Centro de Investigação de Montanha; ³ Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento

paulacabo@ipb.pt

1. INTRODUÇÃO

A agricultura em *Modo de Produção Biológica* – MPB constitui uma atividade com elevado potencial, assumindo-se cada vez mais como uma oportunidade para o setor agrícola. O MPB não só produz bens diferenciados de valor acrescentado, com procura crescente por parte do consumidor, como tem na sua base técnicas de produção respeitadoras do ambiente, permitindo uma gestão sustentável do meio e da paisagem.

Existe em Portugal um interesse renovado pela agricultura em MPB, fruto da conjugação entre crise económica, a existência de novas gerações com fortes preocupações ambientais e dificuldade em encontrar emprego nas atividades tradicionais, e uma nova Política Agrícola Comum que aposta na promoção da agricultura em MPB¹. Contudo, a sua implantação no terreno está longe do desejável, evidenciando-se como um subsector com reduzida expressão na economia agrícola nacional.

2. OBJETIVOS E METODOLOGIA

O presente estudo visa contribuir para o desenvolvimento da agricultura em MPB em Portugal. Para tal, analisa a evolução e situação atual da produção agrícola e pecuária em MPB, bem como, os principais constrangimentos ao seu desenvolvimento.

Metodologicamente, recorreu-se a informação estatística publicada pela Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural², complementada com outras fontes secundárias, nomeadamente, estudos académicos e setoriais sobre a temática. O estudo abarca o período de 1994 a 2014, e engloba a análise temporal de indicadores relativos à área de cultivo/efetivo animal e número de operadores, incluindo a sua repartição regional.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Existe produção em MPB em Portugal desde 1986. Os primeiros registos oficiais datam de 1994, com a aprovação do Reg. n.º (CEE) n.º2092/91, direcionado para a produção vegetal e, posteriormente, alargado à produção animal e produtos de origem animal, em 2000, e aos alimentos para animais, em 2003, Reg. (CE) n.º 1804/99 e Reg. (CE) n.º 203/03. Em 2014, existiam 3 926 operadores certificados em MPB (mais 10,5% que em 2013) distribuídos conforme se ilustra na Figura 1.

A evolução da produção em MPB é reflexo de duas forças predominantes, os apoios das medidas agroambientais e a procura dos consumidores³. Os referidos apoios, especialmente a partir de 1997, estão na origem do desenvolvimento das culturas extensivas como o olival, culturas arvenses e frutos secos e, mais tarde, as pastagens, cujos montantes eram mais atrativos. A procura dos consumidores foi o principal motor, no caso das culturas mais intensivas como a horticultura, a fruticultura e, em menor grau, a vinha.

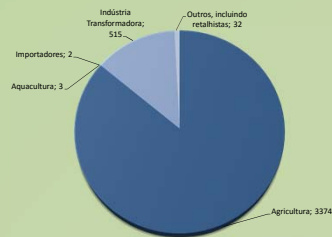


Figura 1 - Operadores certificados em MPB, 2014

PRODUÇÃO VEGETAL

Em 2014, existiam 3 132 agricultores certificados, cuja área cultivada (228 843 hectares) representava 6,3% da Superfície Agrícola Utilizada - SAU, valor ligeiramente acima da média da União Europeia - UE (5,7%), distribuídos conforme Tabela 1.

A área em MPB apresentou uma tendência crescente até 2007 (taxa média anual de 24,6% entre 2000 e 2007). As alterações nos montantes das ajudas a partir da campanha de 2007/2008 e a criação de apoios à produção integrada em culturas como o olival, frutos secos, arvenses de sequeiro, pastagens e forragens, fizeram recuar a área cultivada em 2008-2009, tendo estabilizado posteriormente (taxa média anual de 2,1% entre 2010 e 2014) (Figura 2).



Figura 2 - Evolução da área e número de operadores em MPB da produção vegetal, 1994-2014

Destaca-se o grande dinamismo das plantas aromáticas na última década (taxa de crescimento média anual de 18,7%) e da vinha (taxa de crescimento média anual de 11,8%). Este aumento da área de vinha em MPB é devesa relevante, uma vez que o peso do MPB no total da SAU vitícola é reduzido (em 2014, ocupava apenas 1,55% da SAU vitícola total, enquanto que em outras culturas tradicionais, como o olival e os frutos secos, o MPB que ocupava 5,39% e 6,76%, respetivamente, da SAU total dessas culturas)⁴.

A agricultura em MPB está concentrada nas regiões do Alentejo, Beira Interior e Trás-os-Montes (Figura 3). No conjunto, estas regiões, correspondentes a todo o interior do país, concentram 66,5% dos operadores e 84% da área. As principais culturas no Alentejo e Beira Interior são as pastagens, culturas forrageiras e olival. Em Trás-os-Montes, destaca-se o olival e os frutos secos, sendo ainda nesta região que se localiza a maior área de vinha biológica.

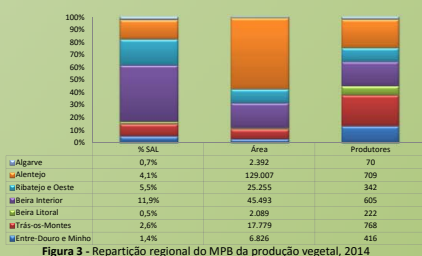


Figura 3 - Repartição regional do MPB da produção vegetal, 2014

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é financiado por Fundos Europeus Estruturais e de Investimento, na sua componente FEDER, através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização [COMPETE 2020] (Projeto nº 000973 (UIDB/S04013/1)) e por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UIDB/S04013/2013

PRODUÇÃO ANIMAL

No que respeita à produção animal em MPB, em 2014, existiam 1 053 criadores registados, principalmente bovinicultores, ovinicultores e apicultores (Tabela 2).

A evolução da produção pecuária foi globalmente positiva, tanto em termos de criadores certificados como de efetivo (Figura 4). O número de criadores, apesar da quebra verificada em 2008-2009, exibiu uma tendência global de crescimento (taxa média anual de 9,0%), tendo estabilizado nos anos mais recentes (taxa média anual de 3%, de 2010-2014).

Tabela 2 - Produtores e efetivos em MPB da produção animal, 2014

Espécies	Produtores		Efetivos*
	Número	Porcentagem	
Bovinos	579	55,0%	73.359
Suínos	41	3,9%	1.721
Caprinos	77	7,3%	6.554
Ovinos	349	33,1%	91.085
Equídeos	25	2,4%	154
Aves	41	3,9%	56.910
Apicultura	195	18,5%	47.043
Total	1.053	100,0%	

Nota: *Os dados referem-se ao efetivo apícola ao relativo ao número de colmeias.

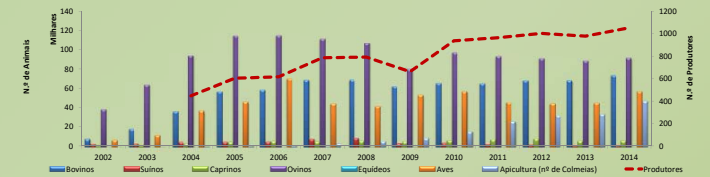
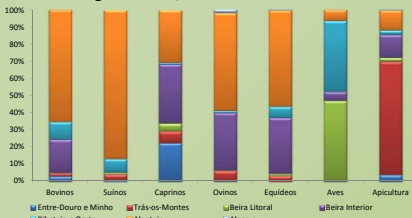


Figura 4 - Evolução do número de operadores e efetivo em MPB da produção animal, 2002-2014

Destaca-se o grande dinamismo da apicultura, com uma taxa de crescimento média anual do efetivo de 51,5%, bem como a tendência decrescente do efetivo suíno, após 2008. O efetivo bovino e caprino apresentaram igualmente uma tendência global de crescimento (média anual de 7,2% e 6,3%, respetivamente). Por outro lado, o efetivo avícola, apesar de alguma instabilidade, exibiu uma taxa de crescimento global de 51,5%.



A repartição regional do MPB pecuário evidencia maior concentração no Alentejo, Beira Interior e Trás-os-Montes, onde estão localizados 85,5% dos criadores. Estas regiões predominam igualmente quanto à distribuição do efetivo segundo a espécie animal, com exceção para o efetivo avícola (Figura 5).

Figura 5 - Repartição regional do efetivo em MPB da produção animal, segundo a espécie animal, 2014

CONSTRANGIMENTOS AO DESENVOLVIMENTO DO SETOR

Atualmente, a produção em MPB está presente nas principais redes do retalho alimentar e generalizou-se nos formatos especializados, como lojas de produtos saudáveis e naturais, lojas *gourmet* e mercados de rua. Porém, o grau de penetração no mercado é ainda reduzido. Em 2014, Portugal foi responsável por 2,23% da área agrícola em MPB da UE, porém detinha apenas 0,9% do mercado biológico da UE. Acresce que a quota no mercado interno de produtos biológicos é a mais baixa da UE, representando apenas 0,2% do mercado nacional, devido ao baixo consumo *per capita* de produtos biológicos (2€)⁵.

De uma forma geral, os operadores nacionais em MPB apontam dificuldades a nível da produção e comercialização como os principais estrangulamentos à sua expansão^{6,7,8,9,10,11}. Estes produtores lutam com dificuldades em adquirir fatores de produção homologados para agricultura biológica, e com o preço elevado dos mesmos. Este é um problema recorrente. A procura do mercado está subdimensionada, devido ao reduzido número de produtores em MPB, não sendo rentável, para as empresas comerciais, o desenvolvimento de fitofármacos adequados para agricultura biológica. Por outro lado, a escassez da oferta desmotiva a entrada de novos operadores na atividade. Além disso, a agricultura em MPB baseia-se essencialmente na ação preventiva, pelo que necessita de uma maior monitorização dos produtores, logo, o emprego de mão-de-obra é mais elevado. A comercialização da produção pode definir o sucesso ou o fracasso de um negócio. Este é o principal constrangimento à expansão da produção em MPB, dado que o mercado de produtos biológicos é ainda reduzido. A oferta é escassa, dispersa e não garante regularidade no abastecimento, devido à reduzida dimensão das explorações e à falta de organização na produção. A escassez de canais de comercialização especializados para produtos biológicos e a distância aos principais centros consumidores inibe os produtores, sobretudo, no caso de produtos perecíveis. Por fim, os preços elevados ao consumidor não se refletem nos preços ao produtor e tornam a produção biológica acessível apenas a uma minoria da população, o que, a acumular com a recessão económica e o desconhecimento dos consumidores sobre as mais-valias da produção biológica, retrai o crescimento do consumo.

4. CONCLUSÃO

A evolução do MPB em Portugal ilustra um cenário similar aos restantes países da UE, embora em menor escala e com um atraso significativo. A agricultura em MPB começou a florescer na década de noventa, com a área e número de agricultores, a exibirem taxas médias anuais de crescimento de 20% e 40%, respetivamente. Todavia, dados recentes mostram que o MPB perdeu ímpeto, estando altamente dependente das políticas de apoio financeiro nacionais e da UE. As dificuldades de aquisição e o custo dos fatores de produção, bem como, a reduzida dimensão do mercado, o elevado preço ao consumidor e o desconhecimento dos consumidores sobre as vantagens do MPB, são os principais entraves à expansão do setor. Contudo, é possível destacar casos de sucesso, apostando no associativismo para ganhar escala, estabelecendo canais de distribuição próprios e adotando estratégias de diferenciação, no sentido de desenvolver a gama de produtos ou apostar na dupla certificação, como é exemplo o Mel de Montesinho DOP e MPB. A fim de ultrapassar a barreira do preço e tornar a produção biológica mais acessível aos consumidores, é necessário organizar a produção e alcançar dimensão crítica (mais produtores e área), bem como, promover o consumo, investindo na consciencialização dos consumidores sobre os benefícios destes alimentos.

REFERÊNCIAS

- Comissão Europeia (2014). Plano de Ação para o futuro da produção biológica na União Europeia. Comissão Europeia, Bruxelas.
- DGADIR (2016). *Modo de Produção Biológica - Produção e operadores*. Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural, Ministério da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território.
- Interim (2011). *Política Nacional para a Agricultura Biológica*. Associação Interprofissional para a Agricultura Biológica.
- INEC (2015). *Estatísticas Agrícolas 2014*. Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.
- FILB (2016). *Organic in Europe, Prospects and Developments 2016*. Stephen Meredith and Helga Willer (ed.), Research Institute of Organic Agriculture, Frick, and International Federation of Organic Agriculture Movements (IFOAM EU Group), Bruxelles.
- Barrote, I. (ed.). *Agricultura Biológica - Caracterização da Produção na Região*. Direção Regional de Agricultura e Pescas do Norte.
- Cabo, P., Dias, L. G., Vilas Boas, M. e Gomes, M. (2013). "A Agricultura em Modo de Produção Biológica: Identificação dos Principais Entraves à sua Expansão". *Alimentar Mentalidades, Vencer a Crise Global - Atos do ESAD 2013*. Évora.
- Cabo, P., Dias, L. G., Vilas Boas, M. e Gomes, M. (2014). "Agricultura em modo de produção biológica em Portugal: evolução, situação atual e futuro". In *V Congresso Internacional de Agroecologia e Agricultura Ecológica e Fernandes, X. Rodrigues, D. (Coord.)*. *Propostas agroecológicas ao industrialismo. Recursos compartilhados e respostas coletivas*, Vigo.
- FILB (2014). *Organic in Europe, Prospects and Developments*. Stephen Meredith and Helga Willer (ed.), Research Institute of Organic Agriculture, Frick, and International Federation of Organic Agriculture Movements (IFOAM EU Group), Bruxelles.
- Babeiro, M., Fernandes, A., Cabo, P., Matos, A. (2014). "Perfil, conhecimento e hábitos de consumo de zaitão biológico na cidade de Bragança, Portugal". In *V Congresso Internacional de Agroecologia e Agricultura Ecológica e Fernandes, X., Rodrigues, D. (Coord.)*. *Propostas agroecológicas ao industrialismo. Recursos compartilhados e respostas coletivas*, Vigo.
- Simões, O., Moreira, I. e Dias, I. (2008). "Variedades regionais de maçã e peras. Estado os seus recursos interestaduais?" In *Variedades Regionais e Agricultura Biológica. Desafios para peras e maçãs portuguesas*. Orlando Simões, Arminda Lopes e Jorge Ferreira (coordenadores), Coimbra.